





### CIRCULO VICIOSO

Ballando no há guerra frequenti negatima.  
 — "Quem não lêra que lêra aquella nome detrita,  
 Que todo se estera así como toda aterra vela."  
 Mas a exordia: "Crede a tua, pois auaa."  
 — "Podetes en cogito e manipulari lura,  
 Quo da progo colonus e gubna, janda  
 Contemplu, suspiras, e fando amada e bella."  
 Mas a tua, titando o sel com aadame:  
 — "Misera! Dresse en aquella enorme, aquella  
 Clardade lumoral, que toda a los reuere!"  
 Mas a iní, inclinando a ralla espêta:  
 — "Passa no esta brilhante auecla de nome  
 Enda no esta, así e desordida umbella...  
 Porque olo vezi en me aingia vagalosa?"

MACHADO DE ASSIS.



## REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

- P. 1 O escritor em 1890, fotografado por Marc Ferrez [Instituto Moreira Salles].
- P. 3 Cartão de visita de Machado de Assis, em que consta “18, Cosme Velho”, endereço da casa onde Machado viveu de 1883 até sua morte, em 1908 [Academia Brasileira de Letras].
- P. 6 Foto tirada por Insley Pacheco, que foi amigo de Machado de Assis, em 1874, quando o escritor tinha 35 anos [Insley Pacheco/ ABL].

O escritor entre 35 e 40 anos [ABL].

Machado de Assis aos 40 anos, quando publicou *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em foto de Insley Pacheco [Insley Pacheco/ABL].

Retrato aos 57 anos, por fotógrafo não identificado [ABL].

- P. 7 Cartão-postal com o soneto “Círculo vicioso”, que apareceu pela primeira vez em 1879, na *Revista Brasileira*, e foi recolhido em volume em 1901, nas *Poesias completas* [ABL].

Fotografia de Machado de Assis tirada por volta de 1901 e estampada em *Poesias completas*, livro publicado no Rio de Janeiro, pela Garnier [ABL].

Foto de L. Musso [L. Musso/ Acervo Iconographia/ Companhia da Memória].

- P. 9 Machado em agosto de 1906, aos 67 anos, num evento social por ocasião da III Conferência Pan-Americana. Da esquerda para a direita, entre outros: Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro, José Américo dos Santos, Olavo Bilac, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Gastão Cunha e João Pandiá Calógeras. [Companhia da Memória e Fundação Joaquim Nabuco].

Foto de participantes da “Panelinha”, num almoço da revista *Renascença*, realizado no Hotel Rio Branco em 1901. De pé, da esquerda para a direita: Rodolfo Amoedo, Artur Azevedo, Inglês de Sousa, Olavo Bilac, José Veríssimo, Sousa Bandeira, Filinto de Almeida, Guimarães Passos, Valentim Magalhães, Rodolfo Bernadelli, Rodrigo Octavio e Heitor Peixoto. Sentados: João Ribeiro, Machado de Assis, Lúcio de Mendonça e Silva Ramos [Companhia da Memória].



## MACHADO DE ASSIS, AINDA ENIGMÁTICO E BIFRONTE

Às vésperas do centenário da morte de Machado de Assis, sua obra permanece no centro do debate literário no Brasil. Este número de *Teresa*, inteiramente dedicado ao escritor, busca refletir as diferentes leituras e abordagens suscitadas por sua obra. A idéia é oferecer um panorama do estado atual da crítica, procurando indicar as principais linhas de interpretação, bem como registrar tendências dos estudos recentes.

Lida a princípio como um grande capítulo de negativas, a obra machadiana foi percebida pelos contemporâneos – entre eles, Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo – como um conjunto marcado por ausências. Ali faltariam paisagem, cor local, intriga romanesca, sentimento nacional, engajamento político. Ainda na primeira metade do século passado, Lúcia Miguel Pereira, Augusto Meyer, Astrojildo Pereira e Roger Bastide foram destrinchando todos esses motivos presentes nas linhas e nas entrelinhas da prosa machadiana. As gerações seguintes passaram a destacar o enraizamento histórico-social da obra, acentuando também sua estatura internacional, tanto no que diz respeito ao valor literário quanto à amplitude das questões ali tratadas.

Os estudos de Antonio Candido, Raymundo Faoro, Silviano Santiago, Roberto Schwarz, John Gledson, José Guilherme Merquior e Alfredo Bosi, com ênfase e perspectivas diversas, levaram adiante a idéia de que é pela presença, e não pela ausência, ou pela ausência que se faz presente, que a obra de Machado pode ser melhor compreendida. Assim, a interpretação da ficção de Machado de Assis chegou ao final do século XX renovada, como a expressão mais complexa, crítica e original da realidade brasileira oitocentista, com repercussões para além do Brasil e dos oitocentos. De artista indiferente às questões do seu entorno, Machado passou a ser lido como escritor radicalmente implicado nas questões do seu tempo e lugar.

Partindo da avaliação de que nos últimos anos os estudos tiveram contribuições significativas principalmente no âmbito do romance e da crônica, e de que o conto acabou relegado a segundo plano, este número de *Teresa* começa com o dossiê "O conto de Machado de Assis". O conjunto de textos que abre a revista inclui leituras minuciosas de contos isolados, visadas temáticas sobre um conjunto de narrativas, proposições generalizadoras sobre a contística e propostas de uma leitura da obra que atravesse as fronteiras estanques dos "gêneros".

A seção seguinte, "Ensaio", trata de outras manifestações da prosa do escritor, que incluem o romance, o teatro e a crônica. Fornece elementos para a compreensão de textos machadianos desses gêneros e também das leituras críticas que a obra suscitou, criando uma perspectiva para os artigos do dossiê centrado no conto.

“Documentos” reúne textos seminais sobre a obra machadiana, alguns há muito fora de circulação, outros de difícil acesso. Em entrevista, Jean-Michel Massa, autor de *A juventude de Machado de Assis*, um dos estudos fundamentais para a compreensão do escritor em seus anos de formação, fala dos seus dois novos livros sobre as traduções de Machado.

Em “Encontros e desencontros”, o leitor saberá do desencontro histórico de Machado com o poeta nicaraguense Rubén Darío e do encontro ficcional do criador de Quincas Borba com o singularíssimo escritor gaúcho Qorpo-Santo.

A seção final, “Resenhas”, inclui algumas das principais obras sobre Machado de Assis publicadas a partir de 2000, ano de criação da *Teresa* e limiar deste novo século que se abre para a crítica machadiana.

Finalmente, o número contém documentação iconográfica com a reunião de mais de uma dezena de retratos fotográficos de Machado de Assis, além das folhas de rosto de todos os romances, contos e volumes de poemas que publicou em vida. A artista Cris Bierrenbach ilustra esta edição com imagens de daguerreótipos produzidos por ela, alusão à técnica fotográfica contemporânea a Machado.

O número alentado de páginas desta edição e a diversidade do conjunto, no entanto, não impedem de identificar algumas constantes. O processo de criação do escritor, a representação da mulher e do seu papel social, o diálogo do contista com a tradição literária brasileira e internacional são alguns dos tópicos recorrentes nas páginas que seguem. Tendo em vista os caminhos e descaminhos da recepção da obra, que já resistiu a um século de crítica, tudo leva a pensar que Machado de Assis atravessará o século XXI como o escritor “enigmático e bifronte”, olhando para o passado e para o futuro, conforme escreveu Antonio Candido.

Seguindo a lição machadiana, optou-se por este prólogo diferente dos outros prólogos, mais conciso e breve, sem a obrigatoriedade protocolar de mencionar cada texto e autor. O leitor fica desde já convidado a percorrer o índice e descobrir por si mesmo o que mais lhe possa interessar neste conjunto de ensaios.

Fique mais uma vez registrado aqui o empenho e a dedicação dos alunos do programa de pós-graduação em Literatura Brasileira na realização desta revista, que traz uma amostra do que vem sendo produzido por mestrandos e doutorandos da área de Literatura Brasileira. Em todas as etapas da sua realização, esta edição dupla contou com o rigor, a competência e a generosidade de Ieda Lebensztayn e Maria Claudete de Souza Oliveira, que tornaram ainda mais prazerosa a elaboração deste número dedicado a Machado de Assis.